

HERBERT MARCUSE

O HOMEM UNIDIMENSIONAL

**ESTUDOS DA IDEOLOGIA
DA SOCIEDADE INDUSTRIAL AVANÇADA**

TRADUÇÃO

Robespierre de Oliveira

Doutor em Filosofia (USP). Mestre em Filosofia (UFSCar).
Pós-Doutorado pela City University of New York (CUNY).
Professor Associado da UEM e do Programa
de Pós-Graduação em Filosofia da Unesp (Marília).
Membro da International Herbert Marcuse Society.

Deborah Christina Antunes

Doutora em Filosofia (UFSCar). Mestre em Educação (UFSCar).
Professora Adjunta da UFC (câmpus Sobral).

Rafael Cordelro Silva

Doutor e Mestre em Filosofia (UFMG).
Professor Associado da UFU.

REVISÃO TÉCNICA

Luís Gustavo Guadalupe Silvelra

Doutorando em Filosofia (USP). Mestre em Filosofia (UFU).
Professor do IFTM (câmpus Uberlândia).

© 1964 by Herbert Marcuse
Introduction to the Second Edition © 1991 by Beacon Press
All rights reserved

Copyright da tradução e desta edição © 2015 by Edipro Edições Profissionais Ltda.

Título original: *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society.*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1ª edição, 1ª reimpressão 2021.

Editores: Jair Lot Vieira e Maíra Lot Vieira Micales

Coordenação editorial: Fernanda Godoy Tarcinalli

Tradução: Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva

Editoração: Alexandre Rudyard Benevides

Revisão técnica: Luís Gustavo Guadalupe Silveira

Revisão: Francimeire Leme Coelho

Capa: Karine Moreto Massoca

Imagem de capa: Número um pintado em parede de tijolos sujos (tillsonburg / iStockphoto)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marcuse, Herbert, 1898-1979.

O homem unidimensional : estudos da ideologia da sociedade industrial avançada / Herbert Marcuse ; tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. – São Paulo : Edipro, 2015.

Título original: *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society.*

ISBN 978-85-7283-762-0

1. Civilização moderna – Século 20 2. Sociologia industrial I. Título.

14-09991

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

1. Sociologia : 301



edipro

São Paulo: (11) 3107-7050 • Bauru: (14) 3234-4121

www.edipro.com.br • edipro@edipro.com.br

f @editoraedipro @editoraedipro

Capítulo 1

As novas formas de controle

Uma não-liberdade confortável, muito agradável, racional e democrática prevalece na civilização industrial avançada, um sinal do progresso técnico. Na verdade, o que poderia ser mais racional que a supressão da individualidade na mecanização de performances socialmente necessárias, mas penosas; que a concentração de empreendimentos individuais em corporações mais eficientes, mais produtivas; que a regulação da livre competição entre sujeitos econômicos desigualmente equipados; que a restrição de prerrogativas e soberanias nacionais que impedem a organização internacional dos recursos? Que este ordenamento tecnológico envolva também uma coordenação política e intelectual pode ser uma evolução lamentável, mas ainda promissora.

Os direitos e liberdades que eram os fatores vitais nas origens e nos estágios iniciais da sociedade industrial se renderam ao estágio superior dessa mesma sociedade; esses direitos e liberdades estão perdendo sua razão e seu conteúdo tradicionais. Liberdade de pensamento, palavra e consciência é – assim como a livre iniciativa, que ela promoveu e protegeu – essencialmente ideias *críticas*, designadas para substituir uma cultura material e intelectual obsoleta por uma mais produtiva e racional. Uma vez institucionalizados, esses direitos e liberdades compartilham o destino da sociedade da qual eles tinham se tornado uma parte integral. A realização cancela as premissas.

À medida que libertar-se da necessidade, que é a substância concreta de toda liberdade, está se tornando uma possibilidade real, as liberdades que pertencem a um estado de baixa produtividade estão perdendo seu conteúdo original. Independência de pensamento, autonomia e o direito de oposição política estão sendo privados de sua função essencialmente crítica em uma sociedade que parece crescentemente capaz de satisfazer as neces-

Tribuna
 sidades dos indivíduos por meio da forma como está organizada. Tal sociedade pode, justamente, exigir a aceitação de seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de alternativas políticas dentro do *status quo*. A esse respeito, parece fazer pouca diferença se a crescente satisfação das necessidades é realizada por um sistema autoritário ou não. Diante de um crescente padrão de vida, a não-conformidade com o sistema parece ser socialmente inútil, ainda mais, se isso acarretar desvantagens econômicas e políticas concretas e ameaçar o bom funcionamento do todo. Na verdade, pelo menos enquanto as necessidades da vida estiverem envolvidas, não parece haver motivo para que a produção e a distribuição de bens e serviços devam prosseguir por meio da concorrência competitiva entre liberdades individuais.

A livre iniciativa não foi, desde o início, uma vantagem. Enquanto liberdade para trabalhar ou morrer de fome, isso significou labuta, insegurança e medo para uma grande maioria da população. Se o indivíduo já não fosse mais forçado a ser bem-sucedido no mercado, como um sujeito economicamente livre, o desaparecimento desse tipo de liberdade seria uma das maiores realizações da civilização. Os processos tecnológicos de automação e standardização podem liberar energia individual para um reino ainda desconhecido de liberdade, situado para além da necessidade. A própria estrutura da existência humana seria alterada; o indivíduo seria liberado do mundo do trabalho que impõe a ele necessidades e possibilidades que lhe são estranhas. O indivíduo seria livre para exercer a autonomia sobre uma vida que seria propriamente sua. Se o aparato produtivo pode ser organizado e dirigido para a satisfação das necessidades vitais, seu controle pode muito bem ser centralizado; tal controle não impediria a autonomia individual, mas a tornaria possível.

Esta é uma meta contida nas capacidades da civilização industrial avançada, o "fim" da racionalidade tecnológica. Entretanto, na realidade atual, opera a tendência oposta: o aparato impõe suas exigências econômicas e políticas de defesa e expansão sobre o tempo de trabalho e o tempo livre, sobre a cultura material e intelectual. Em virtude da maneira que ela organizou sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a ser totalitária. Pois "totalitária" não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses escusos. Isso impede, então, a emergência de uma oposição efetiva contra o todo. Não apenas uma forma específica de governo ou diretriz

partidária conduz ao totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem poderia ser compatível com um "pluralismo" partidário, jornais, "poderes compensatórios" etc.³

Atualmente, o poder político afirma-se por meio de seu poder sobre os processos mecânicos e sobre a organização técnica do aparato. O governo das sociedades industriais avançadas e em desenvolvimento só pode se manter e se garantir quando tem êxito em mobilizar, organizar e explorar a produtividade técnica, científica e mecânica disponível na civilização industrial. E essa produtividade mobiliza a civilização industrial como um todo, acima e além de qualquer indivíduo particular ou interesses de grupo. O fato brutal de que o poder físico (somente físico?) da máquina ultrapassa aquele do indivíduo, e de qualquer grupo particular de indivíduos, faz da máquina o mais efetivo instrumento político em qualquer sociedade cuja organização básica seja aquela do processo maquinal. Mas a tendência política pode ser revertida; essencialmente, o poder da máquina é apenas o poder do homem armazenado e projetado. À medida que o mundo do trabalho é concebido como uma máquina e mecanizado dessa forma ele se torna a base *potencial* de uma nova liberdade para o homem.

A civilização industrial contemporânea demonstra que alcançou o estágio no qual "a livre sociedade" não pode mais ser adequadamente definida nos termos tradicionais das liberdades econômica, política e intelectual, não porque essas liberdades tenham se tornado insignificantes, mas porque elas são demasiado significativas para serem confinadas dentro de formas tradicionais. São necessários novos modos de realização, que correspondam às novas capacidades da sociedade.

Esses novos modos só podem ser nomeados com termos negativos porque eles equivaleriam à negação dos modos predominantes. Assim, a liberdade econômica significaria a libertação *da* economia – de ser controlado pelas forças e relações econômicas; libertação da luta diária pela existência, de ganhar a vida. A liberdade política significaria a libertação dos indivíduos *em relação às* políticas sobre as quais eles não têm qualquer controle efetivo. De maneira similar, a liberdade intelectual significaria a restauração do pensamento individual que foi agora absorvido pelos meios de comunicação e doutrinação, representaria a abolição da "opinião pública" junto com seus autores. O tom não realista dessas proposições é um indício, não de seu caráter utópico, mas do vigor das forças que impedem sua realização.

A mais efetiva e duradoura das guerras contra a libertação é a inculcação de

3. Ver p. 79.

necessidades materiais e intelectuais que perpetuam formas obsoletas de luta pela existência.

A intensidade, a satisfação e até mesmo as características das necessidades humanas, para além do nível biológico, foram sempre condicionadas. Se a possibilidade de se fazer algo ou de se deixar de fazê-lo, de desfrutar ou de destruir, de possuir ou rejeitar algo é tomada como uma *necessidade*, isso depende de se ela pode ou não ser vista como desejável e necessária para as instituições e interesses predominantes da sociedade. Nesse sentido, as necessidades humanas são necessidades históricas e à medida que a sociedade exige o desenvolvimento repressivo do indivíduo, suas próprias necessidades e a sua demanda por satisfação estão sujeitas aos padrões críticos dominantes.

Nós podemos distinguir entre necessidades verdadeiras e falsas. "Falsas" são aquelas que são superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares para reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua satisfação pode ser mais gratificante para o indivíduo, mas essa felicidade não é uma condição que deva ser mantida e protegida se ela serve para impedir o desenvolvimento da capacidade (sua própria e dos outros) de reconhecer a enfermidade do todo e de perceber as chances de curá-la. O resultado, então, é a euforia na infelicidade. A maior parte das necessidades predominantes de descansar, divertir-se, de comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, de amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence à categoria das falsas necessidades.

Tais necessidades têm um conteúdo e uma função sociais que são determinadas por poderes externos sobre os quais o indivíduo não tem controle; o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são heterônomos. Não importa quantas dessas necessidades tenham podido se tornar próprias do indivíduo, reproduzidas e fortificadas pelas condições de sua existência; não importa o quanto ele se identifique com elas e se encontre a si mesmo ao satisfazê-las, elas continuam a ser o que foram desde o início – produtos de uma sociedade cujo interesse dominante exige repressão.

A prevalência de necessidades repressivas é um fato consumado, aceito na ignorância e na frustração, mas um fato que deve ser desfeito pelo bem da felicidade individual bem como de todos aqueles cuja miséria é o preço de sua satisfação. As únicas necessidades que possuem uma pretensão absoluta à satisfação são as necessidades vitais – alimentação, vestuário e moradia possíveis em certo nível cultural. A satisfação dessas necessidades é o pré-requisito para a realização de *todas* as necessidades, tanto das não-sublimadas quanto das sublimadas.

Para toda consciência e toda experiência que não aceitem o interesse social predominante como a suprema lei do pensamento e comportamento, o universo estabelecido de necessidades e satisfações é um fato a ser questionado – questionado em termos de verdade ou falsidade. Esses termos são totalmente históricos e sua objetividade é histórica. O julgamento sobre as necessidades e sua satisfação, sob as condições dadas, envolve padrões de *prioridade* – padrões que se referem ao máximo desenvolvimento do indivíduo, de todos os indivíduos, sob a melhor utilização possível dos recursos materiais e intelectuais disponíveis. Os recursos são calculáveis. A “verdade” e a “falsidade” das necessidades designam condições objetivas no sentido de que a satisfação universal das necessidades vitais e, além disso, o alívio progressivo da labuta e da pobreza são critérios válidos universalmente. Mas enquanto critérios históricos, eles não variam apenas de acordo com a área e o estágio de desenvolvimento, eles também só podem ser definidos em (maior ou menor) *contradição* com os padrões predominantes. Qual tribunal pode reivindicar a autoridade sobre esse julgamento?

Em última análise, a questão sobre quais necessidades são verdadeiras ou falsas deve ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; ou seja, se e quando eles são livres para dar sua própria resposta. Enquanto eles são mantidos na incapacidade de serem autônomos, enquanto eles são doutrinados e manipulados (até em suas próprias pulsões), sua resposta a essa questão não pode ser considerada como sendo dele próprio. Entretanto, além disso, nenhum tribunal pode com justiça tomar para si o direito de decidir quais necessidades devem ser desenvolvidas e satisfeitas. Qualquer tribunal seria repreensível, embora nossa repulsa não elimine a questão: como podem as pessoas, que têm sido objeto de dominação efetiva e produtiva, criar por si mesmas as condições de liberdade?⁴

Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, mais inimagináveis se tornam os meios e modos pelos quais os indivíduos administrados poderiam quebrar sua servidão e tomar sua libertação em suas próprias mãos. Com certeza, impor a Razão à sociedade inteira é uma ideia paradoxal e escandalosa – embora se possa discutir a integridade de uma sociedade que ridiculariza essa ideia enquanto transforma seus próprios cidadãos em objetos de uma administração total. Toda libertação depende da consciência da servidão e o despertar dessa consciência se vê impedido pela prevalência de necessidades

4. Ver p. 72.

e satisfações que, em grande medida, tornaram-se próprias do indivíduo. O processo sempre substitui um sistema de pré-condicionamento por outro; o objetivo máximo é a substituição de falsas necessidades pelas verdadeiras, o abandono da satisfação repressiva.

O traço distintivo da sociedade industrial avançada é sua capacidade efetiva de sufocar aquelas necessidades que demandam libertação – libertação também daquilo que é tolerável, gratificante e confortável – enquanto sustenta e absolve o poder destrutivo e a função repressiva da sociedade afluyente. Aqui, os controles sociais exigem a necessidade irresistível de produção e consumo de supérfluos; a necessidade de trabalho imbecilizante onde isso não é mais necessário; a necessidade de modos de relaxamento que aliviam e prolongam essa imbecilização; a necessidade de manter liberdades enganosas como a livre concorrência com preços administrados, uma imprensa livre que se autocensura, a livre escolha entre marcas idênticas e acessórios inúteis.

Sob o domínio de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em um poderoso instrumento de dominação. O leque de opções aberto ao indivíduo não é o fator decisivo na determinação do grau de liberdade humana, mas *o que* pode ser escolhido e o que é realmente escolhido pelo indivíduo. O critério da livre escolha nunca pode ser um critério absoluto, nem tampouco inteiramente relativo. Escolher livremente os senhores não anula a existência de senhores ou de escravos. A livre escolha entre uma ampla variedade de bens e serviços não significa liberdade se esses bens e serviços sustentam controles sociais sob uma vida de labuta e medo – isto é, se eles sustentam a alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece a autonomia; ela testemunha apenas a eficácia dos controles.

Nossa insistência na profundidade e eficácia desses controles está sujeita à objeção de que superestimamos enormemente o poder de doutrinação dos “meios de comunicação de massa” e de que as pessoas sentiriam e satisfariam por si mesmas as necessidades que agora lhes são impostas. A objeção falha em um ponto. O pré-condicionamento não começa com a produção massiva das emissoras de rádio e televisão e com a centralização de seu controle. As pessoas entram nesse estágio como receptáculos pré-condicionados; a diferença decisiva está no nivelamento do contraste (ou conflito) entre o dado e o possível, entre as necessidades satisfeitas e não satisfeitas. Aqui, o assim chamado nivelamento das classes revela sua

função ideológica. Se o trabalhador e seu chefe se divertem com o mesmo programa de televisão e visitam os mesmos lugares de lazer e descanso, se a datilógrafa está tão atraentemente maquiada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, então essa assimilação indica não o desaparecimento das classes, mas a extensão na qual as necessidades e satisfações que servem para a preservação do *Establishment** são partilhadas por toda a população subjacente.

Na verdade, nos setores mais altamente desenvolvidos da sociedade contemporânea, a transformação de necessidades sociais em necessidades individuais é tão efetiva que a diferença entre elas parece ser puramente teórica. Pode realmente alguém distinguir entre os meios de comunicação de massa como instrumentos de informação e entretenimento, e como agentes de manipulação e doutrinação? Entre o automóvel como incômodo e como conveniência? Entre os horrores e o conforto da arquitetura funcional? Entre o trabalho para a defesa nacional e o trabalho para o ganho corporativo? Entre o prazer pessoal e a utilidade comercial e política envolvida na crescente taxa de natalidade?

Nós estamos novamente diante de um dos mais irritantes aspectos da civilização industrial avançada: o caráter irracional de sua racionalidade. Sua produtividade e eficiência, sua capacidade de aumentar e ampliar comodidades, de transformar o desperdício em necessidade e a destruição em construção, a dimensão com que essa civilização transforma o mundo objetivo em uma extensão do corpo e do espírito (*mind*) torna questionável a própria noção de alienação. As pessoas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma no seu automóvel, nos seus aparelhos *hi-fi*, nas suas casas de dois andares ou com mezanino e nos seus utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que une o indivíduo à sua sociedade mudou e o controle social está ancorado nas novas necessidades que essa sociedade produziu.

As formas predominantes de controle social são tecnológicas em um novo sentido. Com certeza, a estrutura técnica e a eficácia do aparato produtivo e destrutivo têm sido um dos principais meios para sujeitar a população

*. Marcuse grafou no texto original a palavra *Establishment* em letra maiúscula. A tradução literal seria Estabelecimento. Mas o termo não é usual no vocabulário político brasileiro. Desde a tradução de *A arte na sociedade unidimensional*, feita por Laís Mourão e Luiz Costa Lima e publicada em 1969, em que se conservou o termo original, essa forma de notação ficou consagrada na tradução brasileira. Por isso, adotamos essa notação. Outras traduções consultadas traduzem o termo de maneiras variadas: a espanhola usa "sistema estabelecido" (com as aspas); a alemã usa *Bestehend* (existente) e a francesa se afasta muito do original e usa "classes dirigentes" (sem as aspas). (N.T.)

à divisão social do trabalho estabelecida durante o período moderno. Além disso, tal integração sempre esteve acompanhada por formas mais óbvias de compulsão: perda dos meios de subsistência, a administração da justiça, a polícia, as forças armadas. Isso ainda acontece. Mas, no período contemporâneo, os controles técnicos parecem ser a própria encarnação da Razão em benefício de todos os grupos e interesses sociais – em um nível tal que toda contradição parece irracional e toda oposição, impossível.

Assim, não é de se admirar que, nos setores mais avançados dessa civilização, os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até mesmo o protesto individual ser afetado em suas raízes. A recusa intelectual e emocional de “seguir a corrente” parece neurótica e impotente. Este é o aspecto sócio-psicológico do acontecimento político que marca o período contemporâneo: o desaparecimento das forças históricas que, na fase anterior da sociedade industrial, pareceu representar a possibilidade de novas formas de existência.

Mas talvez o termo “introjeção” não descreva mais a forma pela qual o indivíduo por si mesmo reproduz e perpetua os controles externos exercidos pela sociedade. Introjeção sugere uma variedade de processos relativamente espontâneos pela qual um Eu (Ego) transpõe o “exterior” para o “interior”. Assim, a introjeção implica a existência de uma dimensão interior distinta das exigências externas e mesmo contrária a elas – uma consciência individual e um inconsciente individual *independentes* da opinião e do comportamento públicos.⁵ A ideia de “liberdade interior” tem aqui sua realidade: ela designa o espaço privado no qual o homem se torna e permanece “ele mesmo”.

Hoje esse espaço privado foi invadido e reduzido pela realidade tecnológica. A produção e a distribuição em massa exigem o indivíduo *inteiro* e a psicologia industrial há muito deixou de estar restrita à fábrica. Os múltiplos processos de introjeção parecem estar cristalizados em reações quase mecânicas. O resultado não é o ajustamento, mas a *mimese*: uma identificação imediata do indivíduo com *sua* sociedade e, através dela, com a sociedade como um todo.

Essa identificação imediata, automática (que pode ter sido característica das formas primitivas de associação) reaparece na civilização altamente industrializada; entretanto, sua nova “immediatez” é o produto de uma admi-

5. A modificação na função da família desempenha aqui um papel decisivo: suas funções “socializantes” são frequentemente assumidas por grupos externos e pelos meios de comunicação. Ver meu livro *Eros and Civilization* (Boston: Beacon Press, 1955), p. 96 ss. [Tradução brasileira: *Eros e civilização*. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. (N.T.)]

nistração e uma organização sofisticadas e científicas. Nesse processo, a dimensão "interior" da mente (*mind*), na qual a oposição ao *status quo* pode se enraizar, é reduzida. A perda dessa dimensão, na qual habita o poder do pensamento negativo – o poder crítico da Razão – é a contraparte ideológica do próprio processo material pelo qual a sociedade industrial silencia e reconcilia a oposição. O impacto do progresso transforma a Razão em submissão aos fatos da vida e à capacidade dinâmica de produzir mais e maiores fatos do mesmo tipo de vida. A eficiência do sistema enfraquece a capacidade do indivíduo reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam o poder repressivo do todo. Se os indivíduos encontram-se nas coisas que moldam suas vidas, não é porque eles estabelecem a lei das coisas, mas porque eles a aceitam – não como uma lei da física, mas enquanto uma lei de sua sociedade.

Eu acabei de sugerir que o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e veem nela seu próprio desenvolvimento e satisfação. Essa identificação não é ilusão, mas realidade. Entretanto, a realidade constitui um estágio mais avançado de alienação. Esta se tornou inteiramente objetiva; o sujeito, que é alienado, é engolido por sua existência alienada. Há apenas uma dimensão e ela está em todos os lugares e em todas as formas. As realizações do progresso desafiam a acusação tanto quanto a justificação ideológica; perante o seu tribunal, a "falsa consciência" de sua racionalidade torna-se a verdadeira consciência.

Essa absorção da ideologia na realidade não significa, contudo, o "fim da ideologia". Ao contrário, em um sentido específico, a cultura industrial avançada é *mais* ideológica que sua predecessora, visto que hoje a ideologia está no próprio processo de produção.⁶ De uma forma provocativa, essa proposição revela os aspectos políticos da racionalidade tecnológica predominante. O aparato produtivo e os bens e serviços que ele produz "vendem" ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transporte e de comunicação de massa, as mercadorias de habitação, alimentação e vestuário, a irresistível produção da indústria do entretenimento e da informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que unem os consumidores mais ou menos prazerosamente aos produtores e, por meio destes últimos, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; eles promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsi-

6. ADORNO, Theodor W. *Prismen: Kulturkritik und Gesellschaft* (Frankfurt: Suhrkamp, 1955), p. 24 ss. [Tradução brasileira: *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998. (N.T.)]

dade. E como esses produtos benéficos tornam-se disponíveis a mais indivíduos em mais classes sociais, a doutrinação que eles levam a cabo deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor que antes – e enquanto um bom estilo de vida, ele age contra a mudança qualitativa. Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensional*, no qual as ideias, aspirações e objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido do discurso e da ação, são ou repelidos ou reduzidos aos termos desse universo. Eles são redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa.

A tendência pode estar relacionada ao desenvolvimento do método científico: operacionalismo na física, behaviorismo nas ciências sociais. O traço característico é um empirismo total no tratamento dos conceitos; seu significado está restrito à representação de operações e comportamentos particulares. O ponto de vista operacional é muito bem ilustrado pela análise do conceito de extensão feita por P. W. Bridgman:⁷

Evidentemente sabemos o que queremos dizer por extensão se nós dizemos o que é a extensão de todo e qualquer objeto, e para o físico nada mais é necessário. Para encontrar a extensão de um objeto, nós temos que realizar certas operações físicas. O conceito de extensão estará, portanto, estabelecido se as operações pelas quais a extensão é medida são fixadas: isto é, o conceito de extensão implica nem mais nem menos que o conjunto de operações pelas quais a extensão é determinada. Em geral, entendemos por algum conceito nada mais que um conjunto de operações; o conceito é sinônimo do conjunto correspondente de operações.

Bridgman viu as amplas implicações desse modo de pensar para a sociedade em geral:⁸

Adotar o ponto de vista operacional envolve muito mais que a mera restrição do sentido no qual nós compreendemos 'conceito', mas significa uma mudança de grande alcance em todos os nossos hábitos de pensamento, porque não mais nos permitiremos usar como instrumentos conceitos para os quais não se pode dar uma justificativa em termos operacionais.

7. BRIDGMAN, P. W. *The Logic of Modern Physics* (Nova York: Macmillan, 1928), p. 5. A doutrina operacional foi, desde então, refinada e qualificada. O próprio Bridgman ampliou o conceito de "operação" para incluir as operações de "papel e lápis" do teórico (em FRANK, Philip J. *The Validation of Scientific Theories*. Boston: Beacon Press, 1954, cap. 2). O impulso principal permanece o mesmo: é "desejável" que as operações de papel e lápis "sejam capazes de contato eventual, embora talvez indiretamente, com operações instrumentais".

8. *Ibid.*, p. 31.

A predição de Bridgman se tornou realidade. O novo modo de pensar é hoje a tendência predominante em filosofia, psicologia, sociologia e outros campos. Muitos dos conceitos mais seriamente perturbadores estão sendo "eliminados", ao se mostrar que não se pode dar nenhuma explicação adequada deles em termos operacionais ou comportamentais. O ataque radical empirista (eu examinarei subsequentemente, nos capítulos 7 e 8, sua pretensão de ser empirista) fornece, então, a justificativa metodológica para o desmerecimento do espírito (*mind*) realizado pelos intelectuais – um positivismo que, em sua negação dos elementos transcendentais da Razão, forma a contraparte acadêmica do comportamento requerido socialmente.

Fora do mundo acadêmico, "a mudança de grande alcance em todos os nossos hábitos de pensamento" é mais séria. Ela serve para coordenar ideias e metas com aquelas exigidas pelo sistema predominante, para incluí-las no sistema e repelir aquelas que são irreconciliáveis com o sistema. O reinado de tal realidade unidimensional não significa que o materialismo exerça o domínio e que as ocupações espirituais (*spiritual*), metafísicas e boêmias estejam sumindo aos poucos. Ao contrário, há muito de "louvemos juntos essa semana", "Porque não experimentar Deus", Zen, existencialismo e modos de vida *beatniks*. Mas tais modos de protesto e transcendência não são mais contraditórios com o *status quo* e não são mais negativos. Eles são antes a parte cerimonial do behaviorismo prático, sua negação inofensiva e são rapidamente digeridos pelo *status quo* como parte de sua dieta saudável.

O pensamento unidimensional é sistematicamente promovido pelos técnicos da política e seus provedores de informação de massa. Seu universo do discurso é povoado por hipóteses que se autovalidam e que, incessante e monopolisticamente repetidas, tornam-se definições ou prescrições hipnóticas. Por exemplo, "livres" são instituições que operam (e são operadas) nos países do Mundo Livre; outros modos transcendentais de liberdade são por definição ou anarquismo, comunismo ou propaganda. "Socialistas" são todas intervenções em empresas privadas não realizadas por empresas privadas (ou por contratos governamentais), tais como seguro de saúde universal e compreensivo, ou a proteção da natureza de toda comercialização extremamente devastadora, ou o estabelecimento de serviços públicos que podem ferir o lucro privado. Essa lógica totalitária de fatos realizados tem sua contraparte no Leste Comunista. Lá, liberdade é todo modo de vida instituído pelo regime comunista e todos os outros modos transcendentais de liberdade são ou

capitalistas, ou revisionistas, ou sectarismo esquerdista. Em ambos os campos, ideias não-operacionais são não-behavioristas e subversivas. O movimento do pensamento é freado por barreiras que aparecem como os próprios limites da Razão.

Tal limitação do pensamento não é certamente nova. O racionalismo moderno em ascensão, tanto em sua forma especulativa como empírica, mostra um contraste notável entre o radicalismo extremamente crítico no método científico e filosófico, de um lado, e um quietismo acrítico na atitude diante das instituições sociais estabelecidas e em funcionamento. Assim, o *ego cogitans* de Descartes deixou intactos os “grandes corpos públicos” e Hobbes sustentou que “o presente deve ser sempre preferido, mantido e considerado melhor”. Kant concorda com Locke ao justificar a revolução *se e quando* ela obtiver êxito na organização do todo e na prevenção da subversão.

Entretanto, esses conceitos conciliatórios da Razão sempre foram contestados pela miséria e injustiça evidentes no “grande corpo público” e pela rebelião efetiva e mais ou menos consciente contra eles. Existiram condições sociais que provocaram e permitiram uma real dissociação do estado de coisas estabelecido; estava presente uma dimensão tanto privada quanto política na qual a dissociação poderia desenvolver-se em oposição efetiva, experimentando sua força e a validade de seus objetivos.

Com o gradual fechamento dessa dimensão pela sociedade, a autolimitação do pensamento assume uma significação mais ampla. A inter-relação entre processos filosófico-científicos e sociais, entre a Razão teórica e prática se afirma “pelas costas” dos cientistas e filósofos. A sociedade coloca obstáculos a todo comportamento e operação que se opõe a ela; consequentemente, os conceitos que a contrariam são tornados ilusórios ou sem significação. A transcendência histórica aparece como transcendência metafísica, algo que a ciência e o pensamento científico não aceitam. O ponto de vista operacional e comportamental, praticado em geral como “hábito de pensamento”, torna-se a perspectiva do universo estabelecido do discurso e da ação, das necessidades e aspirações. A “astúcia da Razão” atua, como frequentemente o fez, em prol dos poderes estabelecidos. A insistência em conceitos operacionais e comportamentais se volta contra os esforços para libertar o pensamento e o comportamento *da* realidade dada e para *orientá-los em direção* às alternativas suprimidas. A Razão teórica e prática, o behaviorismo acadêmico e social se encontram em um solo comum: o de uma sociedade avançada que converte o progresso científico e técnico em um instrumento de dominação.

“Progresso” não é um termo neutro; ele se move para fins específicos e esses fins são definidos pelas possibilidades de melhoria da condição humana. A sociedade industrial avançada está se aproximando do estágio em que o progresso contínuo exigiria a subversão radical da direção e da organização predominantes do progresso. Esse estágio seria alcançado quando a produção material (incluindo os serviços essenciais) se tornar automatizada até o ponto em que todas as necessidades vitais possam ser satisfeitas enquanto o tempo necessário trabalho é reduzido a um tempo mínimo. A partir desse ponto, o progresso técnico transcenderia o reino da necessidade, onde ele serviu como o instrumento de dominação e exploração que, assim, limitou sua racionalidade; a tecnologia se sujeitaria ao livre jogo das faculdades humanas na luta pela pacificação da natureza e da sociedade.

Tal estado foi concebido na noção de Marx da “abolição do trabalho”. O termo “pacificação da existência” parece ser mais apropriado para designar a alternativa histórica de um mundo que – em meio a um conflito internacional que transforma e suspende as contradições dentro das sociedades estabelecidas – se desenvolve à beira de uma guerra mundial. “Pacificação da existência” significa o desenvolvimento da luta do homem com o homem e com a natureza sob condições nas quais as necessidades mutuamente concorrentes, os desejos e as aspirações, não são mais organizados segundo interesses de dominação e de escassez – uma organização que perpetua as formas destrutivas dessa luta.

A luta atual contra essa alternativa histórica encontra uma base firme de massas na população subjacente, e encontra sua ideologia na rígida orientação do pensamento e do comportamento para o universo dado dos fatos. Validado pelas realizações da ciência e da tecnologia, justificado por sua crescente produtividade, o *status quo* desafia toda transcendência. Diante da possibilidade de pacificação baseada nas realizações técnicas e intelectuais, a sociedade industrial desenvolvida se fecha contra essa alternativa. O operacionalismo, na teoria e na prática, torna-se a teoria e a prática de *contenção*. Por baixo de sua dinâmica aparente, essa sociedade é um sistema de vida completamente estático: autopropulsora em sua produtividade opressiva e em sua coordenação benéfica. A contenção do progresso técnico caminha de mãos dadas com seu crescimento na direção estabelecida. A despeito dos entraves políticos impostos pelo *status quo*, quanto mais a tecnologia parece capaz de criar as condições para a pacificação, mais o espírito (*mind*) e o corpo do homem são organizados contra essa alternativa.

As mais avançadas áreas da sociedade industrial exibem completamente estes dois traços: uma tendência para a consumação da racionalidade tecnológica e os esforços intensivos para conter essa tendência dentro das instituições estabelecidas. Eis aí a contradição interna dessa civilização: o elemento irracional em sua racionalidade. É a evidência de suas realizações. A sociedade industrial, que faz da tecnologia e da ciência suas propriedades, está organizada para a dominação cada vez mais efetiva do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais efetiva de seus recursos. Ela se torna irracional quando o sucesso desses esforços abre novas dimensões para a realização humana. A organização para a paz é diferente da organização para a guerra; as instituições que serviram para a luta pela existência não podem servir para a pacificação da existência. A vida como um fim é qualitativamente diferente da vida como um meio.

Tal modo qualitativamente novo de existência nunca pode ser concebido como o mero subproduto das mudanças econômicas e políticas, como efeito mais ou menos espontâneo das novas instituições que constituem o pré-requisito necessário. A mudança qualitativa também envolve uma mudança na base *técnica* sobre a qual essa sociedade se assenta – uma base que sustenta as instituições políticas e econômicas por meio das quais é reforçada a “segunda natureza” do homem como um objeto agressivo de administração. As técnicas de industrialização são técnicas políticas. Como tais, elas prejudgam as possibilidades da Razão e da Liberdade.

Certamente, o trabalho deve preceder a redução do trabalho e a industrialização deve preceder o desenvolvimento das necessidades e satisfações humanas. Mas assim como toda liberdade depende da conquista de necessidades de outra natureza, a realização da liberdade depende das *técnicas* dessa conquista. A mais alta produtividade do trabalho pode ser usada para a perpetuação do trabalho e a mais eficiente industrialização pode servir para a restrição e a manipulação das necessidades.

Quando esse ponto é alcançado, a dominação – disfarçada de afluência e liberdade – estende-se a todas as esferas da existência pública e privada, integra toda oposição autêntica, absorve todas as alternativas. A racionalidade tecnológica revela seu caráter político quando ela se torna o grande veículo da mais perfeita dominação, criando um universo verdadeiramente totalitário, na qual a sociedade e a natureza, o espírito (*mind*) e o corpo são mantidos em um estado de permanente mobilização para a defesa desse universo.

Capítulo 2

O fechamento do universo político

A sociedade da mobilização total, que ganha corpo nas mais avançadas áreas da civilização industrial, combina em produtiva união as características do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*) e do Estado de Guerra (*Warfare State*). Comparada com “suas precursoras”, ela é, na verdade, uma “nova sociedade”. Os pontos tradicionalmente problemáticos estão sendo eliminados ou isolados, os elementos perturbadores estão sendo dominados. As principais tendências são familiares: concentração da economia nacional nos interesses das grandes corporações, tendo o governo como estimulador, apoiador e algumas vezes como força controladora; atrelamento dessa economia com um sistema mundial de alianças militares, acordos monetários, assistência técnica e esquemas de desenvolvimento; gradual assimilação dos “colarinhos azuis” e dos “colarinhos brancos”, de tipos de liderança nos negócios e no trabalho, do lazer e das aspirações em diferentes classes sociais; fomento de uma harmonia preestabelecida entre a pesquisa acadêmica e os propósitos nacionais; invasão da esfera privada pela proximidade da opinião pública; abertura da intimidade aos meios de comunicação de massa.

Na esfera política, essa tendência manifesta-se em uma marcada unificação ou convergência de opostos. Na política externa, o bipartidarismo passa por cima dos interesses de grupos concorrentes por causa da ameaça do comunismo internacional, e se estende à política interna, onde os programas dos dois grandes partidos tornam-se cada vez mais indistintos, até mesmo no nível da hipocrisia e qualidade dos clichês. Essa unificação dos opostos repercute sobre as possibilidades de mudança social onde ela abrange aqueles segmentos sobre cujos ombros o sistema social progride – isto é, as próprias classes cuja existência outrora personificou a oposição ao sistema como um todo.

Nos Estados Unidos, percebe-se o conluio e a aliança entre os negócios e o trabalho organizado; em *Labor Looks at Labor: A Conversation*, publicado pelo Centro para o Estudo das Instituições Democráticas em 1963, lemos que:

O que aconteceu é que o sindicato tornou-se quase indistinguível da corporação aos *seus próprios olhos*. Nós vemos hoje o fenômeno de sindicatos e corporações fazendo *lobby político conjuntamente*. O sindicato não será capaz de convencer os trabalhadores da indústria de mísseis que a companhia para a qual eles trabalham é desprezível, quando tanto, o sindicato quanto a corporação estão fazendo lobby por maiores contratos de fabricação de mísseis e tentando trazer outras indústrias de defesa para sua área, ou quando conjuntamente aparecem diante do Congresso e pedem que sejam construídos mísseis ao invés de bombardeiros ou bombas em vez de mísseis, dependendo de que contrato eles tenham firmado.

O Partido Trabalhista Britânico, cujos líderes competem com seus oponentes conservadores na promoção dos interesses nacionais, dificilmente consegue defender um programa modesto de nacionalização parcial. Na Alemanha Ocidental, que tornou ilegal o partido comunista, o Partido Social Democrata, tendo oficialmente rejeitado seu programa marxista, está provando de modo convincente a sua respeitabilidade. Essa é a situação nos principais países industriais do Ocidente. No Leste, a redução gradual do controle político direto testemunha a crescente confiança na efetividade dos controles técnicos como instrumentos de dominação. Quanto aos fortes partidos comunistas da França e Itália, eles dão testemunho da tendência geral ao aderirem a um programa mínimo que deixa de lado a tomada revolucionária do poder e age de acordo com as regras do jogo parlamentar.

Entretanto, ainda que seja incorreto considerar os partidos francês e italiano como “estrangeiros”, no sentido de serem apoiados por uma potência estrangeira, há um fundo involuntário de verdade nessa propaganda: eles são estrangeiros enquanto são testemunhas de uma história passada (ou futura?) na realidade atual. Se eles têm aceitado trabalhar dentro da estrutura do sistema estabelecido, não é meramente por razões táticas e como estratégia de curto prazo, mas porque sua base social foi enfraquecida e seus objetivos foram alterados pela transformação do sistema capitalista (tal como aconteceu com os objetivos da União Soviética que endossou essa mudança na política). Esses partidos comunistas nacionais desempenham o papel histórico de partidos de oposição legal, “condenados” a ser não-radicais.

Eles testemunham a profundidade e o alcance da integração capitalista e as condições que fazem a diferença qualitativa de interesses em conflito parecerem diferenças quantitativas dentro da sociedade estabelecida.

Nenhuma análise profunda parece ser necessária para encontrar as razões para esses eventos. Quanto ao Ocidente: os antigos conflitos dentro da sociedade são modificados e intermediados sob o duplo (e inter-relacionado) impacto do progresso tecnológico e do comunismo internacional. As lutas de classe são atenuadas e as “contradições imperialistas” suspensas ante a ameaça externa. Mobilizada contra essa ameaça, a sociedade capitalista mostra união e coesão internas desconhecidas em estágios prévios da civilização industrial. É uma coesão que tem bases muito materiais; a mobilização contra o inimigo atua como um poderoso estímulo à produção e ao emprego, sustentando, com isso, o alto padrão de vida.

Nesse contexto, nasce aí uma administração universal na qual as crises econômicas são controladas e os conflitos estabilizados pelos efeitos benéficos da produtividade crescente e pela ameaça de guerra nuclear. É essa mobilização “temporária”, no sentido de que não afeta as *raízes* dos conflitos que Marx encontrara no modo de produção capitalista (contradição entre propriedade privada dos meios de produção e produtividade social), ou é uma transformação da própria estrutura antagônica que resolve as contradições tornando-as suportáveis? E, se a segunda alternativa é verdadeira, como ela modifica a relação entre capitalismo e socialismo que fez com que este parecesse a negação daquele?

Contenção da mudança social

A teoria marxiana clássica concebe a transição do capitalismo para o socialismo como uma revolução política: o proletariado destrói o aparato *político* do capitalismo, mas conserva o aparato *tecnológico*, submetendo-o à socialização. Há continuidade na revolução: a racionalidade tecnológica, livre das restrições e destruições irracionais, se sustenta e se realiza plenamente na nova sociedade. É interessante ler uma afirmação marxista soviética sobre essa continuidade, que é de vital importância tanto para a noção de socialismo como para a negação determinada do capitalismo:⁹

9. ZWORIKNINE, A. “The History of Technology as a Science and a Branch of Learning; a Soviet view”. In: *Technology and Culture* (Detroit: Wayne State University Press, Winter 1961), p. 2.

1) Apesar de o desenvolvimento da tecnologia estar sujeito às leis econômicas de cada formação social, ele não termina, como outros fatores, cessam as leis da formação. Quando, no processo de revolução, as velhas relações de produção são quebradas, a tecnologia permanece e, subordinada às leis econômicas da nova formação econômica, continua a desenvolver mais ainda, com maior velocidade. 2) Contrariamente ao desenvolvimento da base econômica em sociedades antagônicas, a tecnologia não se desenvolve através de saltos, mas por uma acumulação gradual de elementos de uma nova qualidade, enquanto os elementos da antiga qualidade desaparecem. 3) [irrelevante neste contexto]

No capitalismo avançado, a racionalidade técnica é incorporada, a despeito de seu uso irracional, no aparato produtivo. Isso não se aplica apenas às fabricas mecanizadas, ferramentas e exploração dos recursos, mas também ao modo de trabalho como adaptação e manejo do processo da máquina, organizado pela “gerência científica”. Nem a nacionalização nem a socialização alteram *por si mesmas* essa incorporação física da racionalidade tecnológica; ao contrário, *esta última* permanece uma pré-condição para o desenvolvimento socialista de todas as forças produtivas.

Com certeza, Marx sustentou que essas organização e direção do aparato produtivo pelos “produtores imediatos” introduziriam uma mudança *qualitativa* na continuidade técnica: a saber, a produção para a satisfação de necessidades individuais livremente desenvolvidas. Entretanto, visto que o aparato técnico estabelecido absorve as existências pública e privada em todas as esferas da sociedade – isto é, torna-se o meio de controle e coesão em um universo político que incorpora as classes trabalhadoras – nesse nível a mudança qualitativa envolveria uma mudança na *própria estrutura tecnológica*. E tal mudança *pressuporia* que as classes trabalhadoras estão alienadas desse universo em sua própria existência, que sua consciência é aquela da impossibilidade de continuar a existir nesse universo, então que a necessidade por mudança qualitativa é uma questão de vida ou morte. Logo, a negação existe *antes* que a própria mudança, a noção que as forças históricas libertadoras se desenvolvem *dentro* da sociedade estabelecida é um dos pilares da teoria marxiana.¹⁰

Agora é precisamente essa nova consciência, esse “espaço interior”, o espaço para a prática histórica transcendente, que está sendo banida por uma sociedade na qual os sujeitos e os objetos constituem instrumentalidades

10. Ver p. 72.

em um todo que tem sua *raison d'être* nas realizações de sua produtividade todo-poderosa. Sua promessa suprema é a de uma vida cada vez mais confortável para um número cada vez maior de pessoas que, em um sentido estrito, não podem imaginar um universo do discurso e da ação qualitativamente diferente, pois a capacidade de conter e manipular a imaginação e os esforços subversivos é uma parte integral da sociedade dada. Aqueles cuja vida é o inferno da Sociedade Afluente são mantidos na ordem por uma brutalidade que revive as práticas medievais e do início da era moderna. Para os outros, as pessoas menos desprivilegiadas, a sociedade se ocupa da necessidade de libertação, satisfazendo as necessidades que fazem a servidão palatável e até mesmo imperceptível, realizando esse fato no próprio processo de produção. Sob seu impacto, as classes trabalhadoras nas áreas avançadas da civilização industrial estão sofrendo uma transformação decisiva, que se tornou o assunto de uma vasta pesquisa sociológica. Eu enumerarei os principais fatores dessa transformação:

1 - A mecanização está reduzindo crescentemente a quantidade e a intensidade de energia física despendida no trabalho. Essa evolução é de grande significado para o conceito marxiano de trabalhador (proletário). Para Marx, o proletário é primariamente o trabalhador braçal que despende e exaure sua energia física no processo de trabalho, mesmo se ele trabalha com máquinas. A compra e o uso dessa energia física, sob condições sub-humanas, para a apropriação privada da mais-valia, acarretou os revoltantes aspectos desumanos da exploração; a noção marxiana denuncia a dor física e a miséria do trabalho. Esse é o elemento material e palpável da escravidão assalariada e da alienação - a dimensão fisiológica e biológica do capitalismo clássico.

Pendant les siècles passés, une cause importante d'aliénation résidait dans le fait que l'être humain prêtait son individualité biologique à l'organisation technique: il était porteur d'outils; les ensembles techniques ne pouvaient se constituer qu'en incorporant l'homme comme porteur d'outils. Le caractère déformant de la profession était à la fois psychique et somatique.¹¹

11. "Durante os séculos passados, uma causa importante da alienação residia no fato de que o ser humano vincula sua individualidade biológica à organização técnica: ele era o portador de ferramentas; os conjuntos técnicos só poderiam se constituir incorporando o homem como portador de ferramentas. O caráter deformante da profissão era ao mesmo tempo físico e somático." SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques* (Paris: Aubier, 1958), p. 103, nota.

Agora, a cada vez mais completa mecanização do trabalho no capitalismo avançado, enquanto sustenta a exploração, modifica a atitude e o status do explorado. Dentro do conjunto tecnológico, o trabalho mecanizado, no qual as reações automáticas e semiautomáticas preenchem a maior parte (se não o todo) do tempo de trabalho, permanece, como uma ocupação para toda a vida, uma escravidão exaustiva, imbecilizante e desumana – sempre mais exaustiva por conta do aumento da velocidade do trabalho, controle sobre os operadores de máquinas (em vez do produto), e isolamento dos trabalhadores uns dos outros.¹² Seguramente, essa forma de trabalho enfadonho é expressiva da automação *detida, parcial*, da coexistência de setores automatizados, semi-automatizados e não automatizados dentro da mesma fábrica, mas mesmo sob essas condições, “pois a tecnologia substituiu a fadiga muscular pela tensão e/ou esforço mental”.¹³ Nas fábricas mais avançadas e automatizadas, a transformação de energia física em esforços técnicos e mentais é enfatizada: “(...) esforços mais da mente do que das mãos, do lógico mais do que do artífice; dos nervos mais do que dos músculos; do que guia mais do que do trabalhador manual; do técnico de manutenção mais do que do operador”.¹⁴

Esse tipo de escravidão mental não é essencialmente diferente daquela da datilógrafa, do bancário, de vendedores persuasivos e do locutor de televisão. A padronização e a rotina assimilam as ocupações produtivas e não-produtivas. O proletário dos estágios anteriores do capitalismo era, na verdade, a besta de carga, que proporcionava pelo trabalho de seu corpo as necessidades e luxos da vida enquanto vivia na imundície e na miséria. Assim, ele era a negação viva de sua sociedade.¹⁵ Em contraste, o trabalhador organizado nos setores avançados da sociedade tecnológica vive sua negação menos perceptivelmente e, como os outros objetos da divisão social do trabalho, ele está sendo incorporado à comunidade tecnológica da população administrada. Mais ainda, nos setores mais bem sucedidos da

12. Ver DENBY, Charles. “Workers Battle Automation” (*News and Letters*, Detroit, 1960).

13. WALKER, Charles R. *Toward the Automatic Factory* (New Haven: Yale University Press, 1957), p. XLX.

14. *Ibid.*, p. 195.

15. Deve-se insistir na estreita conexão entre os conceitos marxianos de exploração e pauperização a despeito de suas redefinições posteriores, na quais a pauperização se torna um aspecto cultural ou relativo a ponto de se aplicar também à moradia suburbana com automóvel, televisão etc. “Pauperização” significa a *absoluta necessidade e necessidade* de subverter *intoleráveis* condições de existência e essa necessidade absoluta aparece nas origens de toda revolução contra as instituições sociais básicas.

automação, um tipo de comunidade tecnológica parece integrar os átomos humanos no trabalho. A máquina parece instilar um ritmo entorpecente nos operadores: “É geralmente aceito que movimentos interdependentes executados por um grupo de pessoas que seguem um ritmo padrão produzem satisfação – independente do que está sendo executado pelos movimentos”;¹⁶ e o observador sociológico acredita ser isso uma razão para o gradual desenvolvimento de um “clima geral” mais “favorável tanto para a produção como para certas formas importantes de satisfação humana”. Ele fala do “crescimento de um forte sentimento no interior do grupo em cada equipe” e cita um trabalhador que afirma: “No geral, nós estamos no ritmo das coisas (...)”.¹⁷ A frase expressa admiravelmente a mudança na escravidão mecanizada: as coisas dão ritmo mais que oprimem e transmitem seu ritmo ao instrumento humano – não apenas a seu corpo, mas também a seu espírito (*mind*) e até mesmo a sua alma. Uma observação de Sartre elucida a profundidade do processo:

*Aux premiers temps des machines semi-automatiques, des enquêtes ont montré que les ouvrières spécialisées se laissaient aller, en travaillant, à une rêverie d'ordre sexuel, elles se rappelaient la chambre, le lit, la nuit, tout ce qui ne concerne que la personne dans la solitude du couple fermé sur soi. Mais c'est la machine en elle qui rêvait de caresses (...).*¹⁸

O processo da máquina no universo tecnológico rompe a mais íntima privacidade da liberdade e junta sexualidade e trabalho em um automatismo inconsciente e rítmico – um processo paralelo à assimilação dos empregos.

2 – A tendência assimiladora se manifesta na estratificação ocupacional. Nos estabelecimentos industriais-chave, a força de trabalho “colarinho azul” declina em relação ao elemento “colarinho branco”; cresce o número de trabalhadores fora das frentes de produção.¹⁹ Essa mudança quantitativa se re-

16. WALKER, Charles R. *Op. cit.*, p. 104.

17. *Ibid.*, p. 104 ss.

18. “Nos primeiros tempos das máquinas semi-automáticas, as investigações mostraram que as operárias especializadas se deixavam levar, enquanto trabalhavam, por um sonho de ordem sexual, elas se lembravam do quarto, da cama, e de tudo o que dizia respeito a um casal a sós. Mas era a máquina nelas que sonhava com carícias (...)” SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique* (Paris: Gallimard, 1960), v. 1, p. 290.

19. *Automation and Major Technological Change: Impact on Union Size, Structure, and Function* (Industrial Union Dept. AFL-CIO, Washington, 1958), p. 5 ss. BARKIN, Solomon. *The Decline of the Labor Movement* (Santa Barbara: Center for the Study of Democratic Institutions, 1961), p. 10 ss.

fere a uma mudança ocorrida nos instrumentos básicos de produção.²⁰ No estágio avançado da mecanização, como parte da racionalidade tecnológica, a máquina não é “une unité absolue, mais seulement une réalité technique individualisée, ouverte selon deux voies: celle de la relation aux éléments, et celle des relations interindividuelles dans l’ensemble technique”.²¹

À medida que a máquina se torna um sistema de ferramentas e relações e então se estende para além do processo individual de trabalho, ela afirma sua maior dominação ao reduzir a “autonomia profissional” do trabalhador e integrá-lo com outras profissões que sofrem e dirigem o conjunto técnico. Certamente, a antiga autonomia “profissional” do trabalhador era na verdade sua escravização profissional. Mas esse modo *específico* de escravização era ao mesmo tempo a fonte de seu poder profissional específico de negação – o poder de parar um processo que o ameaçou de aniquilamento enquanto ser humano. Agora o trabalhador está perdendo a autonomia profissional que fez dele um membro de uma classe distinta dos outros grupos ocupacionais, porque ela personificava a negação da sociedade estabelecida.

A mudança tecnológica que tende a eliminar a máquina enquanto instrumento *individual* de produção, como “unidade absoluta”, parece cancelar a noção marxiana de “composição orgânica do capital” e, com ela, a teoria da criação de mais-valia. De acordo com Marx, a máquina nunca cria valor, mas meramente transfere seu próprio valor para o produto, enquanto a mais-valia permanece sendo o resultado da exploração do trabalho vivo. A máquina é a personificação do poder de trabalho humano e, por seu intermédio, o trabalho passado (trabalho morto) se preserva e determina o trabalho vivo. Hoje, a automação parece alterar qualitativamente a relação entre o trabalho morto e o trabalho vivo; ela tende para o ponto em que a produtividade é determinada “pela máquina e não pelo rendimento individual”.²² Além disso, a própria medida do rendimento individual se torna impossível:

A automação é, em seu sentido mais amplo, com efeito, o *fin* (end) da medida do trabalho. (...) Com automação, não se pode medir a produção de um homem isolado; agora só se mede a utilização do equipamento. Se isso é generalizado como uma forma de princípio (...) não há mais, por

20. Ver p. 58.

21. “Uma unidade absoluta, mas somente uma realidade técnica automatizada aberta em duas vias: uma, da relação com os elementos e, outra, das relações interindividuais no conjunto técnico.” SIMON, Gilbert. *Du Mode d’existence des objets techniques* (Paris: Aubier, 1958), p. 146.

22. MALLET, Serge. *Arguments*. Paris, n. 12 e 13, p. 18, 1958.

exemplo, nenhuma razão para se pagar um homem por peça ou por hora, ou seja, não há mais razão para se manter o “sistema duplo de pagamento” de salários e ordenados.²³

Daniel Bell, o autor desse relato, vai além; ele liga essa mudança tecnológica ao próprio sistema histórico de industrialização: o significado da

Industrialização não nasce com a introdução de fábricas, ele “surgeu da *medição do trabalho*. É quando o trabalho pode ser medido, quando se pode ligar um homem ao trabalho, quando se lhe pode colocar arreios e medir sua produtividade em termos de uma única peça e pagá-lo por essa peça ou pela hora, é que se tem a moderna industrialização”.²⁴

O que está em jogo nessas mudanças tecnológicas é algo mais do que um sistema de pagamento, do que a relação de um trabalhador com outras classes e a organização do trabalho. O que está em jogo é a compatibilidade do progresso técnico com as próprias instituições nas quais a industrialização se desenvolveu.

3 – Essas mudanças no caráter do trabalho e dos instrumentos de produção mudam a atitude e a consciência do trabalhador, que se torna manifesta na amplamente discutida “integração social e cultural” da classe trabalhadora com a classe capitalista. Isso é apenas uma mudança na consciência? A resposta afirmativa, frequentemente dada por marxistas, parece estranhamente inconsistente. Essa mudança fundamental na consciência é compreensível sem assumir uma mudança correspondente na “existência social”? Ainda que se conceda um alto grau de independência ideológica, os nós que atam essa mudança à transformação do processo produtivo militam contra tal interpretação. A assimilação nas necessidades e aspirações, no padrão de vida, nas atividades de lazer e na política deriva de uma integração *na própria fábrica*, no processo material de produção. É certamente questionável se se pode falar de “integração voluntária” (Serge Mallet) em algum outro sentido que não o irônico. Na presente situação, os traços negativos da automação são predominantes: aceleração do trabalho, desemprego tecnológico, fortalecimento da posição de direção, crescente impotência e resignação por parte dos trabalhadores. As chances de promoção declinam visto que os diretores preferem engenheiros e diplo-

23. *Automation and Major Technological Change*. Op. cit., p. 8.

24. *Ibid.*

Capítulo 3

A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva

Tendo discutido a integração política da sociedade industrial avançada, um acontecimento tornado possível pela crescente produtividade tecnológica e pela dominação cada vez mais ampla do homem e da natureza, nós nos voltaremos agora para a integração correspondente no domínio da cultura. Nesse capítulo, certas noções e imagens chaves da literatura e seu destino ilustrarão como o progresso da racionalidade tecnológica está liquidando os elementos de oposição e transcendência da "cultura superior". De fato, eles sucumbem ao processo de *dessublimação* que prevalece nas regiões avançadas da sociedade contemporânea.

As realizações e os fracassos dessa sociedade invalidam sua cultura superior. A celebração da personalidade autônoma, do humanismo, do amor trágico e romântico parece ser o ideal de uma etapa anterior de desenvolvimento. O que está acontecendo agora não é a deterioração da cultura superior na cultura de massa, mas a refutação dessa cultura pela realidade. A realidade ultrapassa sua cultura. O homem hoje pode fazer *mais* que os heróis da cultura e semideuses; ele resolveu muitos problemas insolúveis. Mas ele também traiu a esperança e destruiu a verdade que estava preservada nas sublimações da cultura superior. Certamente, a cultura superior sempre esteve em contradição com a realidade social e apenas uma minoria privilegiada desfrutou de suas bênçãos e representou seus ideais. As duas esferas antagônicas da sociedade sempre coexistiram; a cultura superior sempre tem sido conciliatória, enquanto a realidade raramente foi perturbada por seus ideais e sua verdade.

A nova característica de hoje é o enfraquecimento do antagonismo entre cultura e realidade social através da invalidação dos elementos de oposição, alienação e transcendência da cultura superior, em virtude dos quais ela constitui *outra dimensão* da realidade. Essa eliminação da cultura *bidimensional* não acontece por meio da negação e rejeição dos “valores culturais”, mas por sua completa incorporação à ordem estabelecida, por meio de sua reprodução e exibição em escala massiva.

De fato, esses “valores culturais” servem como instrumento de coesão social. A grandeza de uma literatura e arte livres, os ideais de humanismo, as dores e alegrias dos indivíduos, a realização da personalidade são pontos importantes na luta competitiva entre o Ocidente e o Oriente. Eles se opõem fortemente às atuais formas de comunismo e são administrados e vendidos diariamente. Não importa o fato de eles contradizerem justamente a sociedade que os vende. Do mesmo modo como as pessoas sabem ou sentem que as propagandas e as plataformas políticas não devem ser necessariamente verdadeiras ou corretas, e ainda assim as ouvem e as leem e até mesmo se deixam ser guiadas por elas, elas também aceitam os valores tradicionais e os transformam em parte de seu aparato intelectual. Se os meios de comunicação de massa misturam harmoniosamente, e muitas vezes imperceptivelmente, arte, política, religião e filosofia com comerciais, eles trazem esses domínios da cultura ao seu denominador comum – a forma mercadoria. A música da alma é também a música da arte de vender. O que conta é o valor de troca, não o valor de verdade. A racionalidade do *status quo* se centra no valor de troca, e toda racionalidade que é diferente se curva a ele.

À medida que as grandes palavras de liberdade e realização são pronunciadas por líderes de campanhas e políticos em telas de televisão, em rádios e nos palanques, elas se tornam sons sem significado que ganham sentido apenas no contexto da propaganda, dos negócios, da disciplina e do repouso. Essa absorção do ideal pela realidade testemunha até que ponto o ideal foi ultrapassado. Ele é trazido do reino sublimado da alma ou do espírito (*spirit*) ou do homem interior e é traduzido em termos e problemas operacionais. Aqui estão os elementos progressivos da cultura de massa. A perversão revela o fato de que a sociedade industrial avançada está diante da possibilidade de uma materialização dos ideais. As capacidades dessa sociedade estão progressivamente reduzindo o reino sublimado no qual a condição do homem era representada, idealizada e denunciada. A cultura superior torna-se parte da cultura material. Nessa transformação, ela perde a maior parte de sua verdade.

A cultura superior do Ocidente – cujos valores morais, estéticos e intelectuais a sociedade industrial ainda professa – era uma cultura pré-tecnológica em um sentido tanto funcional como cronológico. Sua validade era derivada da experiência de um mundo que não existe mais, porque está invalidado, em um sentido estrito, pela sociedade tecnológica. Mais ainda, ele permanece, em um alto grau, uma cultura feudal, mesmo quando o período burguês lhe deu algumas das suas mais duradouras formulações. Ela era feudal, não apenas por ser exclusividade das minorias privilegiadas, não apenas por seu elemento romântico inerente (que será discutido a seguir), mas também porque suas obras autênticas expressaram uma alienação consciente e metódica em relação à esfera dos negócios e da indústria e de sua ordem mensurável e lucrativa.

Ainda que essa ordem burguesa tenha encontrado sua representação rica – e até mesmo afirmativa – na arte e na literatura (como na pintura holandesa do século XVII, no *Wilhelm Meister* de Goethe, no romance inglês do século XIX, em Thomas Mann), ela permaneceu uma ordem que foi ofuscada, fragmentada, refutada por outra dimensão que era irreconciliavelmente antagônica à ordem dos negócios, atacando-a e negando-a. E na literatura, essa outra dimensão é representada *não* pelos heróis religiosos, espirituais e morais (que frequentemente sustentam a ordem estabelecida), mas antes por personagens perturbadores como o artista, a prostituta, a adúltera, o grande criminoso e o pária, o guerreiro, o poeta rebelde, o demônio, o louco – aqueles que não ganham a vida, pelo menos de um modo ordeiro e normal.

Na verdade, esses personagens não desapareceram da literatura da sociedade industrial avançada, mas eles sobreviveram essencialmente transformados. O vampiro, o herói nacional, o *beatnik*, a dona de casa neurótica, o *gangster*, a estrela, o magnata carismático desempenham uma função muito diferente e até mesmo contrária àquela de seus predecessores culturais. Eles não são mais as imagens de outro modo de vida, mas antes aberrações ou tipos da mesma vida, servindo mais como afirmação que como negação da ordem estabelecida.

Com certeza, o mundo de seus predecessores era um mundo atrasado, pré-tecnológico, um mundo com a boa consciência da desigualdade e da labuta, no qual o trabalho era ainda um infortúnio do destino; mas um mundo no qual o homem e a natureza não estavam ainda organizados como coisas e instrumentalidades. Com seu código de formas e maneiras, com o estilo e o vocabulário de sua literatura e filosofia, essa cultura do passado

expressou o ritmo e o conteúdo de um universo no qual vales e bosques, vilas e hospedarias, nobres e vilões, salões e cortes foram uma parte da realidade experimentada. No verso e na prosa dessa cultura pré-tecnológica estão o ritmo daqueles que perambulam ou andam em carruagens, dos que têm tempo e prazer para pensar, contemplar, sentir e narrar.

É uma cultura ultrapassada e superada e apenas sonhos e regressões infantis podem recuperá-la. Mas essa cultura é, em alguns de seus elementos decisivos, também uma cultura pós-tecnológica. Suas mais avançadas imagens e posições parecem sobreviver à sua absorção em confortos e estímulos administrados; elas continuam a assombrar a consciência com a possibilidade de seu renascimento na realização do progresso técnico. Elas são expressão daquela alienação livre e consciente diante das formas estabelecidas de vida às quais a literatura e a arte se opuseram mesmo quando as adornaram.

Em contraste com o conceito marxiano, que denota a relação do homem consigo mesmo e com seu trabalho na sociedade capitalista, a *alienação artística* é a transcendência consciente da existência alienada – uma alienação de “nível mais alto” ou uma alienação mediatizada. O conflito com o mundo do progresso, a negação da ordem dos negócios e os elementos antiburgueses na literatura e arte burguesas não se devem nem à inferioridade estética dessa ordem nem à reação romântica – consagração nostálgica de um estágio da civilização em desaparecimento. “Romântico” é um termo de difamação condescendente que é facilmente aplicado às depreciadas posições de vanguarda, assim como o termo “decadente” muito mais frequentemente denuncia os traços genuinamente progressistas de uma cultura agonizante do que os fatores reais de decadência. As imagens tradicionais da alienação artística são de fato românticas enquanto são esteticamente incompatíveis com a sociedade em desenvolvimento. Essa incompatibilidade é o testemunho de sua verdade. O que eles lembram e preservam na memória pertence ao futuro: imagens de uma gratificação que eliminaria a sociedade que a suprime. As grandes arte e literatura surrealistas das décadas de 1920 e 1930 ainda as recuperaram em sua função subversiva e libertadora. Exemplos aleatórios do vocabulário básico literário podem indicar o alcance e a afinidade dessas imagens e a dimensão que elas revelam: *Alma*, *Espírito e Coração*; *la recherche de l'absolu*, *Les Fleurs du mal*, *la femme-enfant*; *O Reino perto do Mar*; *Le Bateau ivre* e a *Long-legged Bait*; *Ferne e Heimat*; mas também rum do diabo, máquina do diabo e dinheiro do diabo; *Don Juan e Romeu*; *O Mestre Construtor* e *Quando nós, os mortos, despertamos*.

Sua simples enumeração mostra que eles pertencem a uma dimensão perdida. Eles são invalidados não por causa de sua obsolescência literária. Algumas dessas imagens pertencem à literatura contemporânea e sobrevivem em suas mais avançadas criações. O que tem sido invalidado é sua força subversiva, seu conteúdo destrutivo – sua verdade. Nessa transformação, eles encontram seu lugar na vida cotidiana. As obras alienadas e alienantes da cultura intelectual se tornam bens e serviços familiares. Sua reprodução e consumo massivos são apenas uma mudança em quantidade, a saber, uma apreciação e compreensão crescentes, uma democratização da cultura?

A verdade da literatura e da arte sempre foi reconhecida (se é que alguma vez foi mesmo reconhecida) como de uma ordem “superior”, que não deveria perturbar e na verdade não perturbou a ordem dos negócios. O que mudou, no período contemporâneo, foi a diferença entre as duas ordens e sua verdade. O poder de absorção da sociedade esgota a dimensão artística pela absorção de seus conteúdos antagônicos. No reino da cultura, o novo totalitarismo manifesta-se precisamente em um pluralismo harmonizador, em que as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente na indiferença.

Antes do advento dessa reconciliação cultural, a literatura e a arte eram essencialmente alienação, sustentando e protegendo a contradição – a consciência infeliz do mundo dividido, as possibilidades fracassadas, as esperanças não realizadas e as promessas traídas. Elas eram uma força racional, cognitiva, revelando uma dimensão do homem e da natureza que era reprimida e repelida na realidade. Sua verdade estava na ilusão evocada, na insistência em criar um mundo em que o horror da vida fosse trazido à tona e cancelado – dominado pelo reconhecimento. Esse é o milagre da *chef-d'oeuvre*; é a tragédia, sustentada até o fim, e o fim da tragédia – sua solução impossível. Viver o amor próprio e o próprio ódio, viver aquilo que alguém é significa derrota, resignação e morte. Os crimes da sociedade, o inferno que o homem fez para o homem se tornam forças cósmicas inconquistáveis.

A tensão entre o atual e o possível é transfigurada em um conflito insolúvel, no qual a reconciliação é dada pela graça da obra como *forma*: beleza como a *promesse de bonheur**. Na forma da obra, as atuais circunstâncias são colocadas em outra dimensão, na qual a realidade dada se mostra como aquilo que é. Assim, ela fala a verdade sobre si mesma; sua linguagem deixa de ser aquela da decepção, ignorância e submissão. A ficção chama os fatos

*. Promessa de felicidade. (N.T.)

pelo seu próprio nome e seu reino entra em colapso; a ficção subverte a experiência cotidiana e mostra que ela é mutilada e falsa. Mas a arte tem esse poder mágico somente enquanto poder de negação. Ela pode falar sua própria linguagem somente enquanto estão vivas as imagens que recusam e refutam a ordem estabelecida.

Madame Bovary de Flaubert é distinta das histórias de amor igualmente tristes da literatura contemporânea pelo fato de que o humilde vocabulário de sua contraparte na vida real ainda contém as imagens da heroína, ou ela lê histórias que ainda contêm tais imagens. Sua ansiedade foi fatal porque não havia psicanalista, e não havia psicanalista porque, em seu mundo, ele não teria sido capaz de curá-la. Ela o teria rejeitado como parte da ordem de Yonville que a destruiu. Sua história foi "trágica" porque a sociedade na qual ela ocorreu era atrasada, com uma moralidade sexual ainda não liberada e uma psicologia ainda não institucionalizada. A sociedade que ainda estava por vir "resolveu" seu problema suprimindo-o. Certamente, seria um absurdo dizer que sua tragédia ou a de Romeu e Julieta é resolvida na democracia moderna, mas também seria um absurdo negar a essência histórica da tragédia. A realidade tecnológica em desenvolvimento mina não apenas as formas tradicionais, mas a própria base da alienação artística, ou seja, ela tende a invalidar não apenas certos "estilos", mas também a própria substância da arte.

Sem dúvida, a alienação não é a única característica da arte. Uma análise, e mesmo uma afirmação do problema está fora do escopo desse trabalho, mas algumas sugestões podem ser oferecidas para esclarecimento. Ao longo de períodos inteiros da civilização, a arte parece estar inteiramente integrada em sua sociedade. As artes egípcia, grega e gótica são exemplos familiares; Bach e Mozart também são usualmente citados como testemunhando o lado "positivo" da arte. O lugar da obra de arte em uma cultura pré-tecnológica e bidimensional é muito diferente daquele de uma civilização unidimensional, mas a alienação caracteriza tanto a arte afirmativa quanto a negativa.

A distinção decisiva não é a diferença psicológica entre arte criada na alegria e arte criada na tristeza, entre sanidade e neurose, mas aquela distinção entre a realidade artística e a realidade social. A ruptura com esta última, a transgressão mágica ou racional, é uma qualidade essencial até mesmo da arte mais afirmativa; ela é alienada também do próprio público a quem ela é endereçada. Não importa o quão próxima e familiar estava a

igreja ou a catedral das pessoas que moravam em seu entorno, ela permaneceu em contraste, aterrorizante ou engrandecedor, com a vida diária do escravo, do camponês e do artesão e talvez mesmo com a de seus senhores.

Ritualizada ou não, a arte contém a racionalidade da negação. Em suas posições avançadas, ela é a Grande Recusa – o protesto contra o que é. Os modos pelos quais o homem e as coisas são levados a aparecer, cantar, soar e falar são modos de refutação, de ruptura e de recriação de sua existência fátual. Mas esses modos de negação rendem homenagens à sociedade antagônica à qual eles estão ligados. Separado da esfera do trabalho, em que a sociedade se reproduz a si mesma e a sua miséria, o mundo da arte que criam permanece, com toda sua verdade, um privilégio e uma ilusão.

Dessa forma isso continua, a despeito de toda democratização e popularização, através do século XIX e no século XX. A “cultura superior”, em que essa alienação é celebrada, tem seus próprios ritos e seu es invocar outra dimensão da realidade. Sua frequência requer uma preparação de gala; eles interrompem e transcendem a experiência cotidiana.

Agora essa lacuna essencial entre as artes e a ordem cotidiana, conservada aberta na alienação artística, é progressivamente fechada pela sociedade tecnológica avançada. E com seu fechamento, a Grande Recusa é, por sua vez, recusada; a “outra dimensão” é absorvida no estado de coisas predominante. As obras de alienação são elas próprias incorporadas nessa sociedade e circulam como parte integrante do equipamento que adorna e psicanalisa o estado de coisas vigente. Assim, tornam-se comerciais: vendem, confortam ou excitam.

Os críticos neoconservadores das críticas de esquerda sobre a cultura de massas ridicularizam o protesto contra Bach como música de fundo na cozinha, contra a venda de Platão e Hegel, Shelley e Baudelaire, Marx e Freud nas drogarias. Em vez disso, eles insistem no reconhecimento do fato de que os clássicos deixaram o museu e voltaram à vida novamente, que as pessoas são, justamente por isso, muito mais educadas. É verdade, mas voltando à vida como clássicos, eles retornam como outros que não eles mesmos; eles são privados de sua força antagônica, do estranhamento que era a própria dimensão de sua verdade. Assim, a intenção e a função dessas obras mudaram fundamentalmente. Se uma vez elas se levantaram em contradição com o *status quo*, essa contradição é agora desbaratada.

Mas essa assimilação é historicamente prematura; ela estabelece a igualdade cultural enquanto preserva a dominação. A sociedade está eliminando as prerrogativas e os privilégios da cultura feudal-aristocrática junto com seu

conteúdo. O fato de que as verdades transcendentais das belas-artes, as estéticas da vida e do pensamento fossem acessíveis apenas a uns poucos ricos e educados era a falha de uma sociedade repressiva. Mas essa falha não é corrigida por brochuras, educação geral, discos *long playing*, e a abolição do traje a rigor no teatro e na sala de concerto.⁵⁰ Os privilégios expressaram a injustiça da liberdade, a contradição entre ideologia e realidade, a separação da produtividade material e intelectual; mas eles também ofereceram um reino protegido no qual as verdades proibidas puderam sobreviver em uma integridade abstrata – distanciadas da sociedade que as suprimia.

Agora esse distanciamento foi removido – e com ele a transgressão e a acusação. O texto e o tom ainda estão presentes, mas foi conquistada a distância que fez delas *Luft von anderen Planeten*.*⁵¹ A alienação artística tornou-se tão funcional quanto a arquitetura dos novos teatros e salas de concerto nos quais ela é executada. E aqui também, o racional e o mal são inseparáveis. Inquestionavelmente, a nova arquitetura é melhor, isto é, mais bonita e mais prática do que as monstruosidades da era vitoriana. Mas ela é também mais “integrada” – o centro cultural está se tornando uma parte incorporada do *shopping center*, do centro municipal ou governamental. A dominação tem sua própria estética e a dominação democrática tem sua estética democrática. É bom que quase todos possam ter as belas-artes a seu alcance, girando ou pressionando um botão em seu aparelho, ou entrando em uma loja qualquer. Nessa difusão, entretanto, elas se tornam engrenagens de uma máquina cultural que modifica seu conteúdo.

A alienação artística sucumbe, junto com outros modos de negação, ao processo da racionalidade tecnológica. A mudança revela sua profundidade e o grau de sua irreversibilidade se ela é vista como resultado do progresso técnico. O atual estágio redefine as possibilidades do homem e da natureza de acordo com os novos meios disponíveis para sua realização e, à sua luz, as imagens pré-tecnológicas estão perdendo seu poder.

Seu valor de verdade dependeu, em um alto grau, de uma dimensão não compreendida e não conquistada do homem e da natureza, dos limites estreitos colocados sobre a organização e manipulação, do “núcleo insolúvel”

50. Sem mal-entendidos: dentro de seus limites, brochuras, educação geral e gravações *long playing* são verdadeiramente uma bênção.

*. *Ar de outros planetas*. (N.T.)

51. GEORGE, Stefan. In: Arnold Schonberg's Quartet in F Sharp Minor. Ver ADORNO, T. W. *Philosophie der neuen Musik*. (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1949), p. 19 ss. [Tradução brasileira: *Filosofia da Nova Música*. São Paulo: Perspectiva, 1989. (N.T.)]

que resistiu à integração. Na sociedade industrial totalmente desenvolvida, esse núcleo insolúvel é progressivamente reduzido pela racionalidade tecnológica. Obviamente, a transformação física do mundo implica a transformação mental de seus símbolos, imagens e ideias. Obviamente, quando cidades, rodovias e parques nacionais substituem vilas, vales e florestas; quando lanchas correm nos lagos e aviões cortam os céus – então essas áreas perdem seu caráter de realidade qualitativamente diferente, de áreas de contradição.

E como a contradição é trabalho do Logos – a confrontação racional do “que não é” com o “que é” – ela deve ter um meio de comunicação. A luta por esse meio, ou antes, a luta contra sua absorção pela unidimensionalidade predominante, manifesta-se nos esforços de vanguarda para criar um estranhamento que tornaria a verdade artística novamente comunicável.

Bertold Brecht esboçou os fundamentos teóricos desses esforços. O caráter total da sociedade estabelecida confronta o dramaturgo com a questão de se ainda é possível “representar o mundo contemporâneo no teatro” – ou seja, representá-lo de tal maneira que o espectador reconheça a verdade que a peça deve transmitir. Brecht responde que o mundo contemporâneo pode então ser representado somente se ele é representado como sujeito à mudança⁵² – como o estado de negatividade que deve ser negado. Essa é a doutrina que deve ser aprendida, compreendida e posta em prática; mas o teatro é e deve ser entretenimento, prazer. No entanto, o entretenimento e o aprendizado não são opostos; o entretenimento pode ser o modo mais efetivo de aprendizado. Para ensinar o que o mundo contemporâneo realmente é, por trás do véu ideológico e material, e como isso pode ser mudado, o teatro deve quebrar a identificação do espectador com os acontecimentos no palco. São exigidos não empatia e sentimento, mas distância e reflexão. O “efeito de estranhamento” (*Verfremdungseffekt*) deve produzir essa dissociação em que o mundo pode ser reconhecido como o que ele é. “As coisas da vida cotidiana são retiradas do reino do autoevidente...”⁵³ “O que é ‘natural’ deve assumir os traços do extraordinário. Apenas dessa maneira as leis de causa e efeito podem se revelar.”⁵⁴

O “efeito de estranhamento” não é superimposto à literatura. É antes a própria resposta da literatura à ameaça de total behaviorismo – a tentativa

52. BRECHT, Bertold. *Schriften zum Theater* (Berlim; Frankfurt: Suhrkamp, 1957), p. 7 e 9.

53. *Ibid.*, p. 76.

54. *Ibid.*, p. 63.

de resgatar a racionalidade do negativo. Nessa tentativa, o grande “conservador” da literatura junta forças com o ativista radical. Paul Valéry insiste no compromisso inescapável da linguagem poética com a negação. Os versos dessa linguagem “*ne parlent jamais que de choses absentes*”.⁵⁵ Eles falam daquilo que, embora ausente, assombra o universo estabelecido do discurso e do comportamento como sua possibilidade mais proibida – nem céu nem inferno, nem bem nem mal, mas simplesmente “*le bonheur*”. Assim, a linguagem poética fala daquilo que é desse mundo, que é visível, palpável, audível no homem e na natureza – e daquilo que não é visto, tocado, ouvido.

Criando e movendo-se em um meio que apresenta o ausente, a linguagem poética é uma linguagem de cognição – mas uma cognição que subverte o positivo. Em sua função cognitiva, a poesia realiza a grande tarefa do pensamento: “*le travail qui fait vivre en nous ce qui n'existe pas*”.⁵⁶

Nomear as “coisas que estão ausentes” é quebrar o encanto das coisas que são; mais ainda, é o ingresso de uma ordem diferente de coisas na ordem estabelecida – “*le commencement d'un monde*”⁵⁷.

Para a expressão dessa outra ordem, que é transcendência dentro deste mundo, a linguagem poética depende dos elementos transcendentais da linguagem ordinária.⁵⁸ Entretanto, a mobilização total de todos meios de comunicação para a defesa da realidade estabelecida coordenou os meios de expressão até o ponto em que a comunicação de conteúdos transcendentais torna-se tecnicamente impossível. O espectro que assombrou a consciência artística desde Mallarmé – a impossibilidade de falar uma linguagem não reificada, de comunicar o negativo – deixou de ser um espectro. Ele se materializou.

As verdadeiras obras literárias de vanguarda comunicam a ruptura com a comunicação. Com Rimbaud e depois com o dadaísmo e o surrealismo, a literatura rejeita a própria estrutura do discurso que, por toda a história da

55. VALÉRY, Paul. “Poésie et pensée abstraite”. In: *Oeuvres* (Édition de la Pléiade, Paris: Gallimard 1957), v. I, p. 1.324. [Traduzido como “que sempre falam apenas de coisas ausentes” na versão brasileira: VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991 p. 201-17. (N.T.)]

*. “a felicidade”. (N.T.)

56. “o esforço que torna vivo em nós aquilo que não existe”. *Ibid.*, p. 1.333.

**. “o começo de um mundo”. (N.T.)

57. *Ibid.*, p. 1.327 (com referência à linguagem da música).

58. Ver capítulo 7.

cultura, ligou as linguagens artística e cotidiana. O sistema proposicional⁵⁹ (com a sentença como sua unidade de significação) foi o meio no qual as duas dimensões da realidade puderam se encontrar, se comunicar e ser comunicadas. A mais sublime poesia e a prosa mais baixa compartilham esse meio de expressão. Portanto, a poesia moderna “*détruisait les rapports du langage et ramenait le discours à des stations de mots*”.⁶⁰

A palavra recusa a regra unificadora, sensível, da sentença. Ela explode a estrutura preestabelecida de significação e, transformando-se em um “objeto absoluto”, designa um universo intolerável, autoaniquilador – um *discontinuum*. Essa subversão da estrutura linguística implica uma subversão da experiência da natureza:

*La nature y devient un discontinu d'objets solitaires et terribles, parce qu'ils n'ont que des liaisons virtuelles; personne ne choisit pour eux un sens privilégié ou un emploi ou un service, personne ne les réduit à la signification d'un comportement mental ou d'une intention, c'est-à-dire finalement d'une tendresse. (...) Ces mots-objets sans liaison, parés de toute la violence de leur éclatement... ces mots poétiques excluent les hommes; il n'y a pas d'humanisme poétique de la modernité: ce discours debout est un discours plein de terreur, c'est-à-dire qu'il met l'homme en liaison non pas avec les autres hommes, mais avec les images les plus inhumaines de la Nature; le ciel, l'enfer, le sacré, l'enfance, la folie, la matière pure etc.*⁶¹

O material tradicional da arte (imagens, harmonias, cores) reaparecem apenas como “citações”, resíduos de significação passada em um contexto de recusa. Assim, as pinturas surrealistas

sind der Inbegriff dessen, was die Sachlichkeit mit einem Tabu zudeckt, weil es sie an ihr eigenes dinghaftes Wesen gemahnt und daran, daß sie nicht damit fertig wird, daß ihre Rationalität irrational bleibt. Der Surrealismus sammelt ein, was die Sachlichkeit den Menschen versagt; die Entstellungen

59. Ver capítulo 5.

60. “destruiu as relações da linguagem e trouxe o discurso de volta ao estágio de palavras [Sugestão: nível das palavras].” BARTHES, Roland. *Le Degré zero de l'écriture* (Paris: Éditions du Seuil, 1953), p. 72 (grifos meus).

61. “A natureza torna-se um descontínuo de objetos terríveis e solitários porque eles têm apenas elos virtuais. Ninguém escolhe para eles um significado privilegiado ou uso ou serviço. Ninguém os reduz à significação de uma atitude mental ou de uma intenção, ou seja, em última análise, a uma ternura. (...) Essas palavras-objeto sem ligação, armadas de toda violência de seu poder explosivo (...) essas palavras poéticas excluem os homens. Não há humanismo poético da modernidade: esse discurso inicial é um discurso cheio de terror que significa que ele liga o homem não com os outros homens, mas com as imagens mais desumanas da natureza: o céu, o inferno, o sagrado, a infância, a loucura, a matéria pura etc.” *Ibid.*, p. 73 ss.

*bezeugen, was das Verbot dem Begehrten antat. Durch sie errettete er das Veraltete, ein Album von Idiosynkrasien, in denen der Glückanspruch ver-
raucht, den die Menschen in ihrer eigenen technifi zierten Welt verweigert
finden.*⁶²

Ou, a obra de Bertold Brecht preserva a “*promesse de bonheur*” contida no romance e no *Kitsch* (brilho da lua e o mar azul; melodia e doce lar; lealdade e amor), transformando-a em fermento político. Seus personagens cantam paraísos perdidos e a esperança inesquecível (“*Siehst Du den Mond über Soho, Geliebter?*” “*Jedoch eines Tages, und der Tag war blau.*” “*Zuerst war immer Sonntag.*” “*Und ein Schiff mit acht Segeln.*” “*Alter Bilbao Mond, Da wo noch Liebe lohnt*”) – e a canção é de crueldade e cobiça, exploração, trapaça e mentiras. Os enganados cantam sua decepção, mas eles aprendem (ou aprenderam) suas causas e é apenas aprendendo as causas (e como enfrentá-las) que eles recuperam a verdade de seu sonho.

Os esforços para recuperar a Grande Recusa na linguagem da literatura sofrem o destino de ser absorvidos pelo que eles refutam. Como os clássicos modernos, a vanguarda e os *beatniks* compartilham a função de entretenimento sem pôr em perigo a boa consciência dos homens de boa vontade. Essa absorção é justificada pelo progresso técnico; a recusa é refutada pelo alívio da miséria na sociedade industrial avançada; a abolição da cultura superior é um efeito colateral da conquista da natureza e da progressiva conquista da escassez.

Invalidando delicadas imagens da transcendência por meio da sua incorporação à realidade cotidiana onipresente, essa sociedade atesta o grau em que os conflitos insolúveis estão se tornando administráveis – em que a tragédia e o romance, os sonhos arquetípicos e as ansiedades estão sendo tornadas suscetíveis de solução e dissolução técnicas. O psiquiatra cuida dos Don Juans, Romeus, Hamlets, Faustos assim como cuida dos Édipos – ele os cura. Os dirigentes do mundo estão perdendo suas características metafísicas. Suas aparições na televisão, nas conferências de imprensa, no parlamento e nas audiências públicas são adequadas ao drama somente

62. “[As pinturas surrealistas] (...) reuniram o que o funcionalismo cobre com tabus porque elas revelam a realidade como reificação e o irracional em sua racionalidade. O surrealismo recupera o que o funcionalismo nega ao homem; as deformações demonstram o que o tabu fez ao objeto de desejo. Assim, o surrealismo resgata o obsoleto – uma coleção de idiossincrasias no qual a exigência de felicidade faz desaparecer aquilo que o mundo tecnificado recusa ao homem”. ADORNO, Theodor W. *Noten zur Literatur* (Berlim; Frankfurt: Suhrkamp, 1958), p. 160.

dentro dos limites da publicidade,⁶³ enquanto as consequências de suas ações ultrapassam o âmbito do drama.

Os antídotos contra a desumanidade a injustiça estão sendo administrados por uma burocracia organizada racionalmente, que é, entretanto, inviolável em seu centro vital. A alma contém poucos segredos e anseios que não podem ser sensatamente discutidos, analisados e constatados. A solidão, a própria condição que sustentou o indivíduo contra e além de sua sociedade, tornou-se tecnicamente impossível. A análise lógica e linguística demonstra que os velhos problemas metafísicos são problemas ilusórios; a questão do "significado" das coisas pode ser reformulada como a questão do significado das palavras, e o universo estabelecido do discurso e do comportamento pode fornecer critérios perfeitamente adequados para a resposta.

É um universo racional que, pelos simples peso e capacidades de seu aparato, bloqueia toda fuga. Em sua relação com a realidade da vida cotidiana, a cultura superior do passado era muitas coisas – oposição e adorno, clamor e resignação. Mas era também a aparência do reino de liberdade: a recusa em se comportar adequadamente. Tal recusa não pode ser dificultada sem uma compensação que pareça mais satisfatória que a recusa. A conquista e a unificação dos opostos, que encontra sua glória ideológica na transformação da cultura superior em cultura de massa, tem lugar sobre uma base material de crescente satisfação. Essa é também a base que permite uma *dessublimação* devastadora.

A alienação artística é sublimação. Ela cria as imagens de condições que são irreconciliáveis com o Princípio de Realidade estabelecido, mas que, enquanto imagens culturais, tornam-se toleráveis, até mesmo edificantes e úteis. Agora essas imagens mentais são invalidadas. Sua incorporação à cozinha, ao escritório, à loja; seu uso comercial nos negócios e no lazer é, em um sentido, *dessublimação* – que substitui a gratificação mediada pela imediata. Mas é *dessublimação* praticada a partir de uma "posição de força" por uma parte da sociedade que pode permitir-se mais do que antes porque seus interesses se tornaram os impulsos mais interiorizados de seus cidadãos, e porque os prazeres que ela concede promovem a coesão social e o contentamento.

O Princípio de Prazer absorve o Princípio de Realidade; a sexualidade é liberada (ou, antes, liberalizada) sob formas socialmente construtivas.

63. O legendário herói revolucionário ainda existe e é capaz de desafiar a televisão e a imprensa – seu mundo é aquele dos países "subdesenvolvidos".